



Cadernetas agroecológicas: experiência do Fundo Dema em quintais produtivos do Baixo Amazonas e Nordeste Paraense em defesa dos bens comuns

Agroecological Booklets: Experience of the Dema Fund in productive backyards of the Lower Amazon and Northeast Pará in defense of the commons

SILVA; Suelany Sousa da ¹; CRUZ, Beatriz², CARVALHO, Vânia³

¹ FUNDO DEMA, suelany@fase.org.br; ² Fundo Dema, beatriz@fase.org.br; ³ Fundo Dema, vaniaregina@fase.org.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidade na Construção Agroecológica

Resumo: O estudo teve por objetivo analisar as Cadernetas Agroecológicas aplicadas em distintos territórios de atuação do Fundo Dema e apresentar os resultados econômicos, monetários e não monetários, do trabalho protagonizado pelas mulheres no Baixo Amazonas e Nordeste Paraense, Estado do Pará. As anotações foram realizadas com grupos de mulheres de quatro comunidades no Baixo Amazonas (São Francisco/PAE Lago Grande; Terra Santa; Mojuí dos Campos; Serra Grande/Ituqui e três Territórios Quilombolas no Nordeste Paraense (Camiranga, Mariana e Jacarequara), compreendendo 12 meses de acompanhamento. A sistematização deu-se a partir das anotações nas Caderneta Agroecológica, tendo como apoio outros instrumentos: Questionário de Caracterização Socioeconômica, Oficinas Temáticas; Visitas de Monitoramento; Mapa da sociobiodiversidade; Ciclo de produção. No Baixo Amazonas houve uma geração de renda não monetária de R\$71.130,30 (consumo, doação e troca) e no Nordeste Paraense um valor equivalente a R\$91.511,90 (consumo, doação e troca). As agricultoras do Baixo Amazonas têm sua produção muito voltada para a venda, pois conseguem acessar mercados institucionais. Já as mulheres do Nordeste Paraense praticam mais as relações de consumo e têm a prática de uso de ervas medicinais mais regular. Além do mais, alguns componentes contribuem, significativamente, para a subestimação dos valores de produção gerados pelas agriculturas: anotações não frequentes; situação socioeconômica; dificuldade em precificar e valorar sua produção; a falta de hábito em anotar; doenças; mudanças climáticas – períodos mais longos de chuva e seca.

Palavras-chave: resistência; mulheres; agroecologia; diversidade, economia não monetária.

Introdução

O projeto piloto do Fundo Dema com as cadernetas agroecológicas foi inspirado na participação da FASE no Projeto “Quintais das Mulheres e a Caderneta Agroecológica na Zona da Mata de Minas Gerais, Sudeste, Sul, Amazônia e Nordeste: sistematização da produção das mulheres rurais e um olhar para os quintais produtivos do Brasil executado entre os anos de 2016 e 2018.



Dada esta experiência e objetivando analisar as Cadernetas Agroecológicas a partir dos processos organizativos distintos presentes nos territórios de atuação do Fundo Dema e sistematizar os resultados econômicos, monetários e não monetários, do trabalho protagonizado pelas mulheres no Baixo Amazonas e Nordeste Paraense, Estado do Pará, em 2021, por meio de uma parceria com a *Climate and Land Use Alliance (CLUA)* realizaram-se as oficinas de apresentação deste instrumento político-pedagógico nos territórios.

Sua importância consiste no fortalecimento da auto-organização das mulheres e no reconhecimento de seus trabalhos nos sistemas de produção. Apresentando, portanto, contrapontos a condição de desigualdade em que essas mulheres estão submetidas decorrente da histórica divisão sexual do trabalho que segrega e desigualmente qualifica “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”. E que determina socialmente o que deve caber às mulheres que são reduzidas ao trabalho dito reprodutivo, de cuidados, não visibilizado por não ser monetarizado, estruturando-se em longas e incessantes jornadas diárias enfrentadas por elas.

Metodologia

Foram realizadas rodas de aprendizagem, criando-se um espaço de trocas de experiências entre agricultoras e educadoras do Fundo Dema; 25 oficinas temáticas, entre elas: Economia Feminista, Feminismo e Agroecologia, Adubação Orgânica, Ervas Medicinais, Violência Contra a Mulher; 02 Encontros Regionais de Mulheres; 02 Intercâmbios; Preenchimento das Cadernetas; Visitas aos Quintais Produtivos, Aplicação de Questionário Socioeconômico, Mapa da Sociobiodiversidade e Construção do Calendário de Produção.

No Baixo Amazonas foram 56 mulheres capacitadas e 32 monitoradas entre os meses de fevereiro de 2022 à janeiro de 2023 em Serra Grande/Ituqui e São Francisco/PAE Lago Grande, ambos no município de Santarém, além do município de Mojuí dos Campos; entre os meses de março de 2022 à fevereiro de 2023 no município de Terra Santa e no Nordeste Paraense 59 mulheres capacitadas e 35 monitoradas entre os meses de abril de 2022 à março de 2023 nos Territórios Quilombolas Camiranga (município Cachoeira do Piriá), Mariana (Município Viseu) e Jacarequara (Município Santa Luzia do Pará).

O processo de sistematização contemplou doze meses de anotações obtendo-se resultados bastante significativos. Os dados foram inseridos em planilhas do Excel a partir das quais geraram gráficos e tabelas cujos resultados apresentamos a seguir. Cada mulher foi identificada pela letra M seguida da respectiva numeração M1, M2, M3... M15.

Resultados e Discussão

Durante o processo de monitoramento, promoveu-se um momento de socialização das experiências e percepções a partir das anotações nas Cadernetas



Agroecológicas. A maioria relatou sobre a dificuldade de anotar diariamente que entre as razões estão falta de tempo, esquecimento, dificuldade de escrita (estas pediam para filhas, netas ou outra mulher do grupo) - e outras disseram ter dúvidas sobre o que poderiam ou não anotar. Outras dificuldades recorrentes estão em precificar e dar referências de medidas e pesos aos produtos, principalmente, quando são em pequenas porções e quantidades.

Das 32 Cadernetas Agroecológicas sistematizadas no Baixo Amazonas houve uma geração de renda não monetária de R\$71.130,30 (consumo, doação e troca) e uma renda monetária de R\$133.905,10 (venda) totalizando em 12 meses R\$205.035,40. Os valores gerados a partir das anotações indicam uma renda bastante expressiva, como se observa na Figura 1:

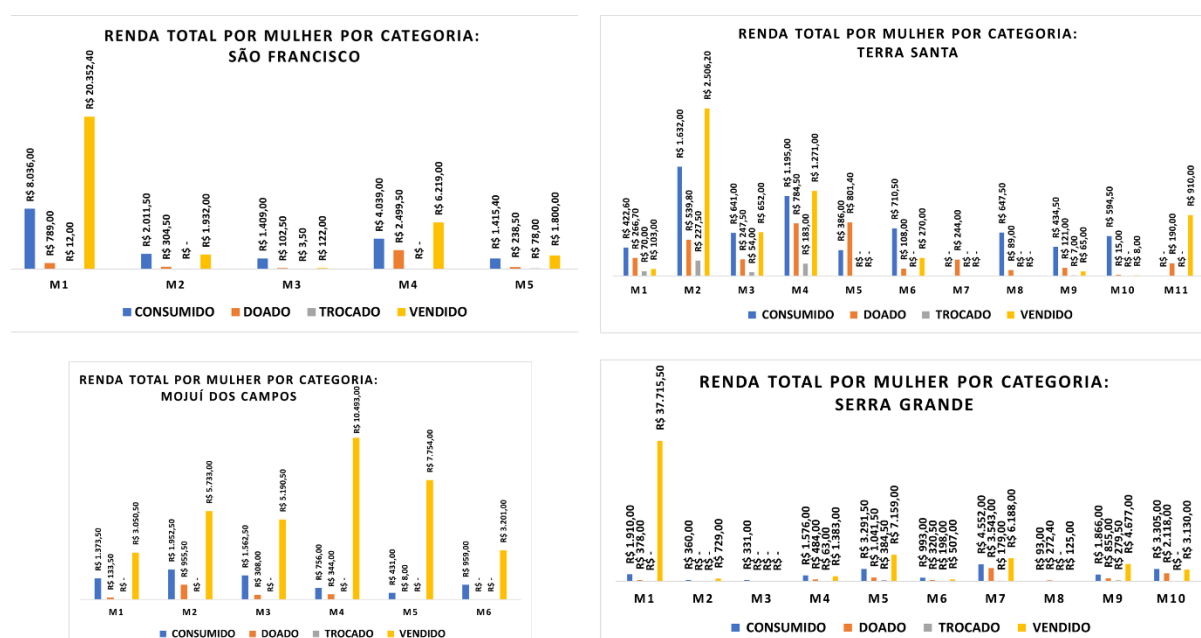


Figura 1. Renda total por mulher por categoria em São Francisco/PAE Lago Grande, Terra Santa, Mojuí dos Campos e Serra Grande/Ituqui, monitoradas pelas cadernetas agroecológicas.

Fonte: Elaboração própria, 2023.

As agricultoras de São Francisco - Arapiuns moram no Projeto de Assentamento Agroextrativista PAE/Lago Grande, cuja economia centra-se na produção agrícola e criação de pequenos animais. Estão organizadas em uma associação de mulheres, dividindo seu tempo de trabalho em atividades individuais em suas roças e quintais, parte em atividades coletivas, na igreja, na escola, sindicato, cooperativa. A maior variação na renda ocorre porque a agricultora M1 vende seus produtos aos mercados institucionais; em feiras de produção orgânica e agroecológica; feiras convencionais; faz comercialização direta em casa e nas comunidades circunvizinhas. A categoria troca é a que tem menor representatividade.



Em Terra Santa, as mulheres desenvolvem suas produções agrícolas e criação de pequenos animais em quintais urbanos. Estão organizadas em associação de mulheres. As vendas ocorrem em suas residências e, esporadicamente, em feiras convencionais locais, com destaque para as plantas ornamentais. No consumo destacam-se as hortaliças e frutas. A Agricultora M2 não possui quintal. Sua casa é construída sobre as águas e utiliza a varanda para cultivar hortaliças, medicinais, frutíferas de pequeno porte e ornamentais. Ela realiza suas vendas em sua casa e, esporadicamente, na feira municipal. Obteve uma renda bastante expressiva na venda e no consumo, além de estabelecer doações e trocas. A agricultora M4 possui uma área medindo 10x40 e nela cultiva hortaliças, medicinais, frutíferas e ornamentais. Neste caso, também se percebe uma proximidade entre a renda gerada na categoria consumo e a renda de venda.

As agricultoras de Mojuí dos Campos, fazem parte da associação de mulheres, cooperativa, sindicato e o trabalho realizado em seus sistemas de produção com foco nas hortaliças é realizado, exclusivamente, por elas. Assim, a maior parte da renda por elas geradas vem da venda de seus produtos seja em mercados institucionais, em feiras orgânicas ou agroecológicas ou convencionais e até mesmo em casa.

As mulheres acompanhadas pelas Cadernetas Agroecológicas em Serra Grande, Ituqui fazem parte da Associação de Mulheres, sindicato, associação de moradores e igreja. Residem em um Projeto de Assentamento – PA Ituqui. O maior valor se dá pela participação da agricultora (M1) em mercados institucionais. Conta com o trabalho das filhas e irmão na criação de pequenos animais, no preparo do solo, plantio e colheita de frutas e hortaliças e das filhas na produção de farinha de mandioca e seus derivados, além do auxílio na venda dos produtos.

Em geral, percebe-se que há uma diversidade de alimentos registrados nas cadernetas, os quais são produzidos para o consumo, doação, troca e venda. No Baixo Amazonas foram identificadas 172 espécies/produtos: frutas (38); hortaliças (26); plantas/ervas medicinais (16); raízes/tubérculos (5); grãos/sementes (18); pequenos animais (8); farinhas (3); outros alimentos/produtos (30); Mudanças Ornamentais/Medicinais/Frutíferas (28).

Das 35 Cadernetas Agroecológicas sistematizadas no Nordeste Paraense houve uma geração de renda não monetária no valor de R\$91.511,90 (consumo, doação e troca) e uma renda monetária de R\$19.076,80 (venda) totalizando em 12 meses R\$110.588,70. Estas informações estão detalhadas na Figura 2, abaixo:

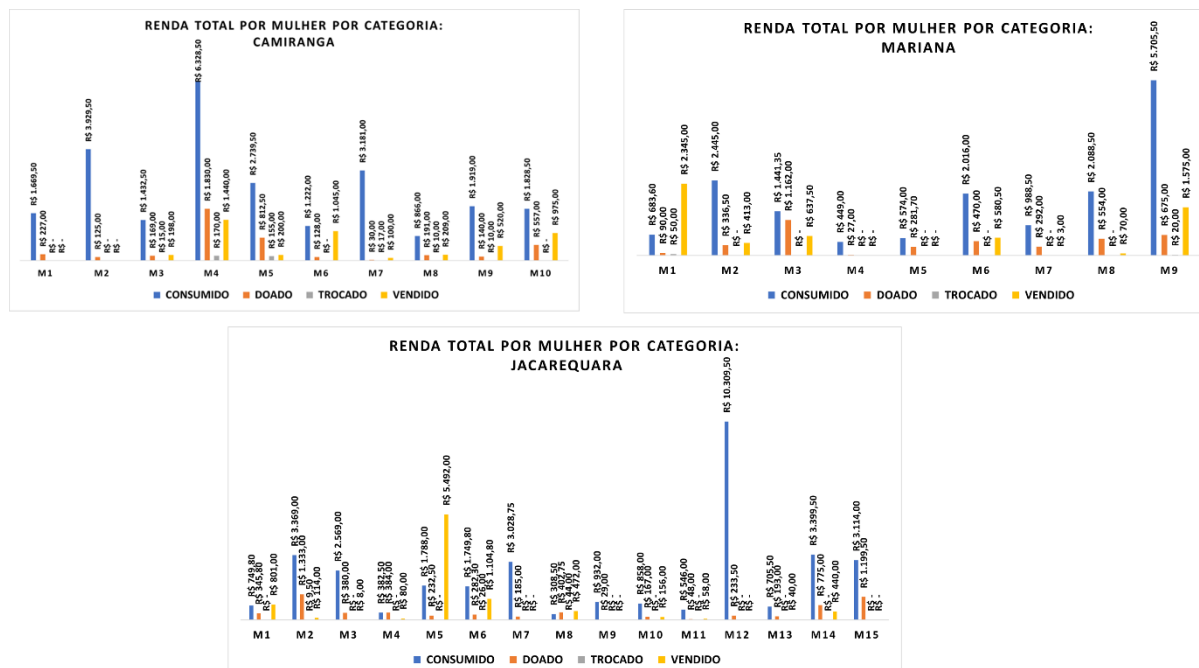


Figura 2. Renda total por mulher por categoria, nos Territórios Quilombolas Camiranga, Mariana e Jacarequara monitoradas pelas cadernetas agroecológicas. Fonte: Elaboração própria, 2023.

No Território Quilombola Camiranga, as mulheres cultivam espécies frutíferas, medicinais, florestais, ornamentais e trabalham com a criação de pequenos animais. Têm renda expressiva nos produtos para o consumo, uma renda não monetária que representa um recurso que a família deixa de repassar ao mercado, pois ela deixa de comprar o que produz. As agricultoras M4, M6 e M10 apresentam pequeno destaque nas vendas porque comercializam farinha de mandioca, pequenos animais, açaí e hortaliças na feira Artes e Sabores.

As mulheres do Território Quilombola Mariana trabalham com hortaliças, espécies frutíferas, ornamentais e criação de pequenos animais. O maior valor gerado advém do consumo, que pode ser justificado pelo não acesso aos mercados institucionais e feiras, pois as vendas do alimento animal e vegetal e espécies ornamentais ocorrem nas próprias residências.

Em Jacarequara, desenvolvem suas atividades produtivas em quintais e roças, pescam e criam pequenos animais. Os valores mais significativos também referem-se ao consumo, destacando-se hortaliças, frutas, polpas e ervas medicinais. Estas durante a pandemia de COVID 19 foram muito usadas como chá (infusão, decocção), xarope, pomada, lambedor, óleo.

Foram identificadas 209 espécies/produtos: frutas (49); hortaliças (20); plantas/ervas medicinais (34); raízes/tubérculos (4); grãos/sementes (9); pequenos animais (17); farinhas (3); outros alimentos/produtos (33); Mud. Orn/Med/Frutíferas (40). “Os



quintais produtivos aparecem como o lugar de preservação da agrobiodiversidade fazendo com que os saberes/fazeres das mulheres ganhem maior dimensão ao considerá-los no processo de construção do conhecimento coletivo” (SILVA *et al.*, 2020).

Ressalta-se que a experiência com as anotações reforça a produção do *miúdo* e promove um processo de ressignificação de seu trabalho. E como destaca Carrasco (2012) a CA agrega as relações monetárias, incorporando a dimensão do trabalho doméstico e de reprodução a um conceito de economia cuja centralidade está na sustentabilidade da vida e não apenas em relações de mercado.

Conclusões

As experiências das mulheres agricultoras familiares rurais e urbanas aqui descritas mostram seu protagonismo na busca por formas de organizações coletivas pautadas na sustentabilidade socioeconômica, ambiental e de mulheres.

A economia praticada por essas mulheres permite-as sair da invisibilidade, pois geram uma renda fruto de seu trabalho produtivo e este não é desvinculado do trabalho doméstico e do cuidado. Outrossim, conseguem ver além dos resultados econômicos. O uso das cadernetas agroecológicas não se estabelece somente como troca monetária. Elas estabelecem outras relações de trocas, transformações nas relações em comunidade e familiares.

Nos espaços sob responsabilidade das mulheres estabelecem relações de trocas com simbolismo, significados e experimentações que permeiam a doação e a troca. Elas não fazem exclusivamente a economia do cotidiano, mas buscam, sobretudo, a ressignificação de seu trabalho como elemento de criação e transformação.

Agradecimentos:

– “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens (as mulheres) se educam entre si, mediatizados (das) pelo mundo” (FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 1987). Agradecemos às mulheres que participaram deste projeto realizado pelo Fundo Dema. Suas vidas, trajetórias, interação e troca nos educam e educam todas as mulheres aqui envolvidas.

Referências bibliográficas

CARRASCO, Cristina. **Estatísticas sob suspeita: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres**. São Paulo: SOF, 2012.

SILVA, Luiza. C. et al. As Cadernetas Agroecológicas e os Quintais Produtivos: As agricultoras Familiares Agroecológicas do Nordeste Brasileiro Gerando Autonomia e Preservando a Agrobiodiversidade. *In: Cadernos de Agroecologia. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia*, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, nº 2, 2020.